



ANTÓNIO BARRETO

175º Aniversário do Liceu Camilo Castelo Branco
Vila Real, 16 de Março de 2023

Prezados Amigos, Queridos Colegas, Professores e estudantes antigos e actuais,

Motivos de força maior impedem-me de estar presente na vossa (e nossa) festa de aniversário. Por isso, escrevo estas breves linhas, na tentativa de poder estar presente, nem que seja desta distante maneira.

Um aniversário como este, de 175 anos, não é coisa pequena! É mesmo raro ver uma instituição comemorar tal feito. Ainda por cima, não se trata apenas de uma recordação, temos a certeza que se trata de uma organização viva e sólida. Parabéns ao Liceu Camilo Castelo Branco, parabéns a todos vós, parabéns a nós!

Só teve uma vida, mas teve vários nomes. Já foi, pelo menos, Liceu Camilo Castelo Branco, Liceu Nacional de Vila Real, Liceu Central Camilo Castelo Branco, Liceu de Vila Real e agora Escola Secundária Camilo Castelo Branco! Mas é sempre o mesmo. E teve também várias localizações. Só o conheci onde ele está hoje. Aqui fiz os sete anos de Liceu, dos meus dez aos dezasseis, de 1953 a 1960, depois da Escola Primária e antes da Universidade. Ali conheci alguns grandes professores, que nunca esquecerei. Ali tive alguns colegas com quem, de perto ou à distância, vivi décadas. Muitas pessoas esqueci na minha vida. Mas as do liceu, entre professores, colegas e funcionários, quase não saíram da memória. Aqui estiveram também cinco irmãos!

É curioso notar hoje, tantos anos depois, que entre as principais recordações estão factos aparentemente menores. Mas que não eram. Em primeiro lugar, ao contrário dos mais importantes liceus do país, tratava-se de liceu misto de rapazes e raparigas, mesmo se as turmas mistas só se faziam durante os últimos anos. Com entradas, recreios e ginásios separados, com certeza, mas havia comunicação. Nas excursões anuais que fazíamos, durante um dia em locais e cidades bem perto, íamos todos juntos, rapazes e raparigas. Na sala de canto coral, havia um piano que brilhava como relíquia maior. No ginásio, de vez em quando, havia concertos de "música séria", ditos concertos "Pró Arte", só com piano ou piano e violino. Eram momentos únicos em que a elite Vila-realense apreciava arte e se mostrava. Estranhamente, não havia cantina nem bar, apenas um contínuo que vendia umas barras de chocolate. Mas tínhamos o enorme privilégio, raro em todo o país, de usufruir de aquecimento central, com radiadores nas salas de aula e nos corredores!

São recordações e impressões que marcaram. Eu sei que é assim por serem as primeiras memórias significativas, os primeiros passos na vida com sentido e autonomia. Mas também é verdade que é assim porque o Liceu de Vila Real tinha um carácter forte. É o que se pode chamar ou designar por "espírito do lugar". Este espírito é feito de paredes e salas, recreios e corredores, laboratórios e ginásio, mas também e sobretudo de pessoas, de recordações, de memórias... Até de saudades! E de lembrança de tantos factos e gestos que, não sendo propriamente da vida do Liceu, a ele estavam estreitamente ligados. Estou a pensar, evidentemente, nas festas do 1º de Dezembro, ditas da "Academia de Vila Real", no Baile, nos cortejos, na Gala do Teatro Avenida, nas monumentais ceias (onde era frequente servirem-se galinhas por nós roubadas...) e nalguns disparates então vividos com alegria e hoje recordados com ternura. E naquela lengalenga ou canto estranho, "Água leva o Regadinho, Água leva o Regador, enquanto rega e não rega, vou falar ao meu Amor!". Nunca soube a origem, nem o significado de tal canção. Nem quero saber. Era do Liceu de Vila Real e isso basta!

Foi no Liceu que tive o meu primeiro contacto com uma biblioteca a sério, pelo menos era o que parecia a encantadora sala do primeiro andar. Foi lá que li livros "fora do programa" e que o bibliotecário nos deixava levar para casa, por dois ou três dias. Eram livros mais importantes, como a famosa "História da Literatura" de António José Saraiva e Óscar Lopes, publicada na década de 1950.

Tive também, naquela biblioteca, a minha primeira visão directa do que poderia ser a “censura”: numa das estantes, portas de vidro fechadas à chave escondiam os livros que não podíamos ler!

Foi aqui que o mundo começou para mim. O mundo que recordo. O mundo que passou a ser meu e não apenas o dos meus pais e avós, o mundo que exigia que eu desse qualquer coisa e não recebesse apenas. Aqui aprendi línguas e história, ciências e artes, mesmo se nunca consegui desenhar uma caneca nem cantar uma ária! Aqui aprendi a camaradagem e a amizade feita por nós, não apenas herdada. Aqui soube que mérito e autoridade têm sentido, mas também que às vezes era necessário desobedecer.

Nem tudo era encanto. Alguns professores eram uns trastes, autoritários e ignorantes. Mas também a eles agradeço, pois, sem querer, contribuíram para o meu desejo de liberdade. Houve mesmo um reitor, famoso pelas piores razões, que tentou denunciar-nos à polícia quando soube que um grande grupo de alunos tinha organizado um clube numa casa alugada ao cimo da Avenida Carvalho Araújo! Também esse reitor, sem querer e pelas piores razões, nos ajudou a crescer.

O meu pequeno mundo tinha começado na escola primária, a Escola do Trem, uma escola dita do Conde de Ferreira. O primeiro alargamento foi para aqui, a poucos metros do Liceu, para a casa da nossa família no nº 2 da Avenida Carvalho Araújo. De manhã, ainda em casa, ouvíamos a sirene chamar para as aulas! Ficava ao lado da Câmara Municipal, diante da Casa de Diogo Cão, perto do Hospital da Misericórdia e do Governo Civil, a poucos passos da União Artística, já quase à beira da Pastelaria Gomes e do Café da Brasileira, locais cimeiros da iniciação à vida. Não muito longe, o Teatro Avenida, local supremo dos primeiros sonhos! Tudo isto, a segundos ou minutos de distância. Mas não sobram dúvidas: o centro era o Liceu de Vila Real, o Liceu Camilo Castelo Branco.

António Barreto



**COMPETÊNCIA E INOVAÇÃO
AO SERVIÇO DA EDUCAÇÃO**